Educação das Relações Étnico Raciais e para o ensino de história e cultura Afro-Brasileira e Africana. 2010. 211 p; 1° edição SP 2010.

Práticas Pedagógicas para Igualdade Racial na Educação Infantil/ Hédio Silva Jr.; Maria Aparecida Silva Bento, Organizadores- São Paulo: Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades, CEERT, 2011.

Presença Pedagógica V.18/ N° 108. Editora Dimensão Nov./ Dez/2012.

Trinidad, Cristina Teodoro. Identificação Étnico Racial na Voz das Crianças em Espaços de Educação Infantil. 2011. Tese (doutorado em psicologia da educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. www.pucpr.br/eventos/educere2009.

CONTAR HISTÓRIA É UMA ARTE

PRISCILA LOPES ALENCAR DINIZ

RESUMO:

A criança gosta de ouvir histórias porque entra em seu imaginário fazendo com que vivencie a realidade daquela história a sua maneira, por isso não se satisfaz em ouvir apenas uma vez. Para que as crianças sejam estimuladas a ler, o professor precisa conhecer a literatura infantil, onde não se avalia a quantidade de livros lido e sim a intensidade com que ele faz as suas leituras e releituras, pelo modo com que ele trata as histórias e os livros. Esta pesquisa visa compreender o processo de desenvolvimento da formação de leitores de 2 a 3 anos, por meio de contação de histórias. A contação de histórias na educação infantil é importante tanto que o narrador e o ouvinte viajam juntos nas emoções da história. Para contar historia é preciso antes de tudo, saber ouvir. Só que antes de contar histórias e necessários ter ouvidos para aprender a ouvir ou seja, envolver-se, sentir-se, e a se emocionar com a histórias contadas. Pois é ouvindo histórias que as crianças despertam diversos sentimentos importante tais como: emoção, tristeza, raiva, irritação, medo, alegria, insegurança e o bem-estar, vivenciando profundamente tudo o que as narrativas provocam quando as ouvem, além disso, ouvir histórias é um recurso valioso e agradável para a predisposição à aprendizagem e para sua complementação. Esta pesquisa é de caráter bibliográfica.

Palavras chave: Contação de história, formação de leitores, professores contador de historias

1.INTRODUÇÃO

A leitura de textos é fundamental para o desenvolvimento e formação de todos os indivíduos, dentro ou fora da escola, por toda sua vida, pois facilita o domínio e o crescimento intelectual do indivíduo.

O educador tem um papel decisivo na aprendizagem de seus alunos, suas ações, concepções e intervenções serão fatores determinantes no sucesso escolar de seus alunos.

Levando em consideração que a leitura e a escrita estão presentes no cotidiano de todos e de que é importante na vida de todo ser humano, é fundamental desenvolver um trabalho voltado a esses interesses na educação infantil.

Nessa fase as crianças estão em pleno desenvolvimento, estimulá-las a leitura, a escrita e a produção de textos é motivá-las a percepção e leitura de mundo em que vivem.

É importante conhecer como se dá o processo e ressaltar que podem ocorrer diferenças individuais de uma criança a outra. Essas diferenças têm a ver também com o maior ou menor estimulo de ofertas de materiais significativos de leitura e escrita oferecidos a essa criança.

A leitura, parte desse processo se desenvolve também de maneira gradual, é um habito a ser adquirido e deve ser fonte de prazer e não apresentada de forma obrigatório através de imposição ou cercada de castigos e ameaça. A leitura sempre foi entendida como essencial para dinamizar os processos escolares por parte dos professores.

Da mesma forma, grande parte dos educadores reconhece a importância da leitura para desenvolver a criatividade e os processos cognitivos tão essenciais ao bom desempenho escolar e social dos alunos. E ainda, pode-se dizer que uma parcela expressiva dos pais reconhece a importância da aquisição e da manutenção do habito da leitura para o futuro de seus filhos.

Há inúmeros fatores que impedem a difusão do habito da leitura. São questões relacionadas ao conteúdo ministrado pelos educadores até a própria forma de como estes conteúdos são trabalhados em sala de aula. Um conteúdo distante da realidade na qual os alunos se encontram quando mediados por professores que não buscam consolidar um processo crítico e reflexivo sobre esta mesma realidade torna-se um fato desagradável para grande parte dos alunos. Os professores precisam criar formas didáticas para que os alunos compreendam que a leitura é a porta de entrada para um mundo repleto de mistérios, imaginação, tecnologia e criatividade.

Inúmeros pesquisadores têm-se empenhado em mostrar aos pais e professores a importância de se incluir o livro no dia-a-dia da criança. Eles afirmam que, comparada ao cinema, ao rádio e à televisão, a leitura tem vantagens únicas. Em vez de precisar escolher entre uma variedade limitada, posta à sua disposição por cortesia do patrocinador comercial, ou entre os filmes disponíveis no momento, o leitor pode escolher entre os melhores escritos do presente e do passado. Lê onde e quando mais lhe convém, no ritmo que mais lhe agrada, podendo retardar ou apressar a leitura; interrompê-la, reler ou parar para refletir, a seu bel-prazer. Lê o que, quando, onde e quando bem entender.

Alguns autores chamam a atenção para um contato sensorial com o objeto livro, que, segundo revela "um prazer singular" na criança. Na leitura, por meio dos sentidos, a criança é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro pode conter. Comentam ainda a que "esse jogo com o universo escondido no livro "pode estimular no pequeno leitor a descoberta e o aprimoramento da linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo".

Portanto, investigar qual a contribuição da escola para estimular o aluno de educação infantil no processo de aquisição da leitura e da escrita, será pertinente nesta pesquisa.

A contação de histórias na educação Infantil é um processo que visa aquisição da linguagem corporal e o desenvolvimento da oralidade da criança. O tema escolhido é porque as crianças têm mais facilidade em aprender quando entra no mundo criado e vivenciado por elas a partir de histórias de contos, e seu desenvolvimento linguístico e corporal são explítos.

A criança gosta de ouvir histórias porque entra no imaginário dela fazendo com que vivencie a realidade daquela história a sua maneira, por isso não se satisfaz em ouvir apenas uma vez. Para que as crianças sejam estimuladas a ler, o professor precisa conhecer a literatura infantil, onde não se avalia a quantidade de livros lido e sim a intensidade com que ele faz as suas leitura e releituras, pelo modo com que ele trata as histórias e os livros.

Os métodos utilizados para a realização deste artigo será de caráter bibliográfico.

2.A IMPORTÂNCIA DE CONTAR HISTÓRIA

No entender de Caruso (2003), atualmente, há opções de lazer como a televisão e o videogame. Muitas crianças estão sobrecarregadas de atividades como natação, ginástica, inglês, piano, além das obrigações da escola, da lição de casa. O tempo que elas teriam, talvez, para ler um livro está diminuindo. Infelizmente, esse é um comportamento que está ocorrendo não só com as crianças, mas com os adultos também. E, até por um aspecto cultural do Brasil, falta incentivo, o brasileiro não tem a cultura da leitura.

Diante desta realidade cabe perguntar: o que nós pais e educadores estamos fazendo para resgatar o gosto pelo imaginário nas crianças? O que estamos fazendo para ajudar nossas crianças a expressarem seus pensamentos e sentimentos e gostarem de conviver com os colegas e os membros da família? O que estamos fazendo para evitar que as crianças se tornem pessoas “ensimesmadas”, isto é, estejam centradas, quase que exclusivamente, em suas próprias questões?

A dura realidade de nossa época mostra que dia após dia aumenta o número de crianças que veem os pais cada vez menos e passam a maior parte do tempo sozinhas. Razões econômicas e sociais forçam esta realidade.

Por isso, é de suma importância que pais e professores batalhem pelo resgate do

lúdico, do gosto pela expressão oral/corporal, do gosto pela leitura, pelo desenvolvimento dos sentidos e sentimentos.

2.1 A criança e o livro

Tudo o que acontece ao nosso redor, desde a nossa primeira infância, fica registrado em nosso inconsciente. Isto significa que tudo aquilo que vemos, ouvimos e sentimos influi no nosso desenvolvimento e amadurecimento.

Aplicando esta verdade fundamental, que a psicologia ensina, ao nosso assunto, arriscamos afirmar que felizes são aquelas crianças que, desde os primeiros dias de sua vida, experimentam a presença de livros ao seu redor.

Na teoria de Abramovich (1995), o significado de escutar histórias é tão amplo, que é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções, que todos atravessamos e vivemos, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história (cada um a seu modo) e assim esclarecer melhor os nossos ou encontrar um caminho possível para a resolução deles.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como:

a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais, e viver profundamente isso tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar.

Decorre da leitura também a postura crítico-reflexiva que é extremamente relevante na formação cognitiva das crianças, partindo primeiramente do professor, para em seguida, despertar as potencialidades reflexivas dos seus alunos.

Segundo Freire (1991, p. 25) "[...] é a partir daí que se pode falar do leitor crítico". Assim, a criticidade estará presente nas aulas de literatura, sem que se perca o encanto e o brilho dos contos de fadas e de fábulas.

Neste mesmo sentido, Abramovich (1995) entende que “ouvir e ler histórias é também desenvolver todo o potencial crítico da criança. É poder pensar, duvidar, se perguntar, questionar. É se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de ideia. É ter vontade de reler ou deixar de lado de uma vez”.

O caminho para a leitura começa na infância quando as crianças passam a gostar de palavras e de ouvir histórias, além de animarem-se ao contar momentos de sua vida para pessoas próximas.

Mesmo não entendendo nada, a criança percebe se os livros existentes na casa têm ou não têm valor para os membros da família.

Conforme esclarece Abramovich (1995, p,74):

O primeiro contato da criança com um texto é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais... Contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador, embalado por uma voz amada... É poder rir, sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação.

Há relatos de poetas e escritores que descobriram no decorrer de sua vida que seu amor à literatura e, mesmo, muitas de suas poesias e de seus contos tiveram o seu nascedouro já na sua primeira infância.

Da mesma forma, outras pessoas descobriram a origem de sua aversão a toda e qualquer forma de literatura também na infância.

Partindo deste pressuposto, quanto mais cedo a criança tiver contatos com livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior é a probabilidade de nela nascer de maneira espontânea, o amor aos livros. Desde muito cedo, a criança gosta de ouvir a história de sua vida, a mais importante para ela. Da reunião de histórias do passado, a criança constrói o quadro dela mesma no presente.

A literatura é importante para o desenvolvimento da criatividade e do emocional infantil. Quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância como medos, sentimentos de inveja, de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinar infinitos assuntos (CARUSO, 2003).

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc... sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer, e passa a ser didática, que é um outro departamento (não tão preocupado em abrir todas as comportas da compreensão do mundo) (ABRAMOVICH, 2003,p.76).

Da mesma forma, as histórias inventadas são importantes. A criança precisa saber de coisas que não fazem parte de sua experiência cotidiana. É comum ela ter um amigo imaginário ou atribuir qualidades humanas e sobrenaturais a um brinquedo ou a um animal. As conversas e as histórias desses personagens, unindo o real e o imaginário, dão aos pais muitas dicas sobre seus filhos, pois é nessas horas que a criança deixa transparecer sentimentos como medo, a insegurança, o ódio, o amor.

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre. É suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, e encontrar muitas ideias para solucionar questões, como os personagens fizeram, é estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar. Afinal, tudo pode nascer de um texto, é o que afirma Abramovich (1995).

A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real.

Como explica Caruso (2003), no dia-a-dia os pais estão mais centrados em outras coisas e automatizados em educar o tempo todo. Na hora das histórias, a fantasia toma conta e acaba fazendo com que os pais representem um outro papel, de quem também sabe brincar e participar daquele mundo de fantasia.

No entanto, é necessário sublinhar: os livros devem ser introduzidos na vida da criança de acordo com o seu nível de compreensão do mundo, de seu nível de elaboração de pensamento e sua experiência anterior. Isso significa que o livro ideal para a criança é aquele em que ela encontra tanto elementos que ela já reconhece, como alguns elementos novos, a partir dos quais ela possa alargar seus horizontes e enriquecer sua experiência de vida.

Além disso, é fundamental que o livro venha sempre associado a momentos de prazer. Para os bebês o livrinho de plástico na hora do banho, com o qual ela pode bater na água e vê-la respingar, é muito prazeroso. Para crianças já um pouco maiores, nada é mais aconchegante que uma historinha bem contada, na hora de dormir.

Se os pais tivessem consciência da importância de contar uma história ao pé da cama para seus filhos pequenos, certamente teríamos uma adolescência menos traumatizada. As vozes do pai ou da mãe chegam aos ouvidos dos pequenos carregadas de afetividade.

Desta afetividade, que se expressa na voz, no olhar, no carinho e no aconchego, a criança precisa para minimizar os conflitos que a acompanham em seu crescimento. A fantasia e a magia de uma história encantam e despertam as imaginações da criança e, com isso, criam condições favoráveis para o desenvolvimento duma mente criativa e inventiva.

Afirma Abramovich (1995), que a leitura oferece a possibilidade de se ver os dados do mundo com mais amplitude. Compreender a leitura de um texto é uma das tarefas mais significantes para a escola, professores e alunos, pois leva o indivíduo a conhecer a si e aos outros, preparando-se para sua formação humana.

Contar histórias é uma arte. Muitas pessoas têm um dom especial para esta tarefa. Mas isso não significa que pessoas sem esse dom excepcional não possam tornar-se bons contadores de histórias. Com algum treinamento e alguns recursos práticos qualquer pessoa é capaz de transmitir com segurança e entusiasmo o conteúdo de uma história para pequenos.

Isso significa que a história contada de viva voz é história humanizada. Em tempos de desumanidade, precisamos refletir sobre essa função da narrativa, projeta aos pequenos pela afetividade da voz e da presença do narrador.

Para despertar o amor e o interesse duma criança por livros, é de suma importância que ela veja e sinta que o livro motiva diálogo, traz prazer e estimula a comunhão e a afetividade. A presença de livros e o hábito de leitura na família parecem ser condições ambientais favoráveis como se a leitura fosse transmitida por contágio.

2.2 Como contar Histórias

O processo de estímulo e incentivo para se contar uma história são inúmeros, mas sua eficácia depende de como o contador os utilizará. Não há “fórmulas mágicas” que substituam o entusiasmo do contador.

Quem aspira ser um bom contador de histórias, deve desenvolver alguns passos importantes em seus preparativos:

1) a história a ser contada e apresentada deve estar bem memorizada. Por isso, é imprescindível ler a história várias vezes e estar bem familiarizado com cada parágrafo do livro, para não perder “o fio da meada” e ficar procurando algum tópico durante a apresentação;

2) destacar e sublinhar os tópicos mais importantes, interessantes e significativos, para que na apresentação recebam a devida valorização;

3) procurar vivenciar a história. Envolver-se com ela, fazer parte dela e sentir a emoção dos personagens e ao apresenta-la atrair os ouvintes para a magia da história;

4) ao apresentar a história, falar com naturalidade e dar destaque aos tópicos mais importantes com gestos e variações de voz, de acordo com cada personagem

e cada nova situação. No entanto, é preciso cuidar para não exagerar nos gestos ou nas entonações de voz;

5) oferecer espaço aos ouvintes que querem interferir na história e participar dela. Quem se sente tocado em seu imaginário sente necessidade de participar ativamente no desenrolar da história. O importante é que nessa hora não haja pressa, contando ou lendo tudo de uma só vez. É preciso respeitar as pausas, perguntas e comentários naturais que a história possa despertar, tanto em quem lê quanto em quem ouve. É o tempo dos porquês;

6) toda história e toda dramatização devem ser apresentadas com entusiasmo e paixão. Sempre devem transparecer a alegria e o prazer que elas provocam. Sem esses componentes, os ouvintes não são atingidos e logo perdem o interesse pelo que está sendo apresentado.

Segundo Abramovich (1995), "o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal, tudo pode nascer dum texto! " A criança, ao ouvir histórias, vive todas essas emoções. Afinal, escutar histórias é o início, o pontochave para tornar-se um leitor, um inventor, um criador.

2.3 Recursos pedagógicos

Para Ramos (2003), "a leitura é o meio mais importante para se chegar ao conhecimento. Não importa a quantidade que lemos, o que importa é com que profundidade se chega a esse entendimento. "

É recomendável ser bastante criativo no uso de recursos materiais. Não se prender a certos padrões, mas variar de acordo com o conteúdo da história a ser contada ou apresentada:

1) o velho flanelógrafo (quadro revestido de flanela ou feltro de cor lisa, sobre o qual se fazem aderir objetos ou figuras, fixadas ou removidas segundo as necessidades do ensino) pode ser uma boa opção para ilustrar uma história com vários assuntos e vários simbolismos;

2) transparências, preferencialmente confeccionadas pelas crianças, podem ser outro recurso que desperta interesse e ajuda a fixar a história;

3) slides com figuras da história que está sendo contada, projetados na parede, prendem a atenção das crianças e despertam as fantasias;

4) para pequenas encenações e dramatizações, fantoches e bichos de pelúcia são bons recursos;

5) a massa de modelar pode ser usada pelas crianças para confeccionar figuras da história que acabaram de ouvir, com isso recapitulam e fixam a história;

6) materiais colhidos na natureza e trazidos pelas crianças para ilustrar certos contos de fadas, por exemplo, prendem a atenção e valorizam a sua participação;

7) mudar de ambiente para contar a história da cidade: levar as crianças ao museu, a um cemitério com antigas sepulturas e convidar uma pessoa idosa para falar do passado. Nesse sentido se oferecem muitas possibilidades que devem ser exploradas.

No século em que vivemos o professor deve transformar sua sala de aula em um ambiente estimulante e prazeroso, utilizando-se das mais variadas situações, para que a criança possa manifestar livremente a compreensão e os questionamentos que faz a partir da leitura de textos literários.

Outrossim, é gratificante para o professor, sentir e perceber que seus alunos foram atraídos pelos livros e que durante seu trabalho formou leitores criativos e críticos, capazes de ler e reler, analisar e interpretar qualquer tipo de texto, seja ele de cunho pedagógico, formativo ou somente de fruição.

Toda história que contamos para uma criança mexe com ela, produz emoções e provoca reações. Por isso, é importante termos em mente, para a criança até aos 8 anos de idade, o mundo da fantasia e da realidade se fundem e confundem. Os pensamentos e os sentimentos da criança estão em permanente fermentação e ebulição e inconscientemente procuram respostas para certos medos e anseios. Qualquer história pode atingir uma criança profundamente e fazer com que ela peça a repetição dessa história durante dias e mesmo semanas, porque algo na essência de seu desenvolvimento e amadurecimento foi atingido.

Neste sentido, Fontana (1997) enfatiza que:

Nos primeiros anos da infância, a garotada assimila mais facilmente enredos que tenham crianças como personagens ou animais com características humanas, como fala e sentimentos. Dos 3 aos 6 anos, as histórias devem abusar da fantasia com reviravoltas frequentes na trama. A partir dos 7, valem as aventuras e fábulas mais elaboradas.

Bruno Bettelheim (1980) analisa, em seu livro "A psicanálise dos contos de fada" a importância que esses contos têm no desenvolvimento da personalidade das crianças.

Eles ensinam às crianças que, na vida real, é imperioso que estejamos sempre preparados para enfrentar grandes dificuldades. E, nesse sentido, dá também sugestões de coragem e otimismo que serão necessários à criança para atravessar e vencer as inevitáveis crises de crescimento.

Intuitivamente, a criança compreen-

derá que tais histórias, embora irreais ou inventadas, não são falsas, pois ocorrem de maneira semelhante no plano de suas próprias experiências pessoais.

Por isso, pais e professores precisam estar atentos para descobrir as carências e as necessidades que as crianças que lhes são confiadas têm em cada situação concreta de sua vida.

2.4 O cantinho de leitura

Combine com os alunos e os pais o melhor lugar e os materiais necessários para formar o cantinho.

Para o espaço ficar atraente, pinte com as crianças uma pequena estante ou caixotes de madeira para acomodar os livros. Peça às mães para fazer um tapete e almofadas.

A pequena biblioteca deve ter vários tipos de leitura: revistas, gibis, livros de literatura e de informação.

Deixe os alunos à vontade para escolher os livros e levá-los para casa aos finais de semana. É uma maneira de socializar a leitura com os pais.

Ensine a garotada a preservar o acervo, mas lembre-se de que o livro é para pegar, brincar e partilhar, por isso deve estar à mão. Lugar de livro não é na secretaria da escola.

Para os bebês, selecione livros de materiais resistentes, como plástico e tecido, e que tenham capa dura.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi mostrado, podemos dizer que a aprendizagem da leitura depende de alguns fatores. Entre eles, o mais importante é querer aprender a ler o equivalente a uma formação de atitudes do educando de se dispor a ler.

No mundo de hoje a mídia está substituindo, cada vez mais, o diálogo nas famílias e diminuindo as oportunidades de desenvolvimento da imaginação infantil. O meio mais importante para atingir esse objetivo é a contação de histórias e a leitura, conduzidas num ambiente agradável para a criança. Contar ou ler histórias requer um certo preparo, que vai desde a escolha do texto até a sua apresentação.

Esta disposição pode ser refletida nas formas de expectativas, interesses, motivação, atenção, compreensão e participação. Querer aprender a ler é o primeiro passo para ler, para aprender. Para se desenvolver a leitura é preciso, antes, envolver-se com ela, gostar de ler, isto é, a obra deve estar no centro de seu interesse.

Assim, seria necessário que o professor considere as escritas do ponto de vista construtivo, representando a evolução de cada criança, é preciso que haja uma reestruturação interna na escola com relação à alfabetização e também no que se refere às formas de alfabetizar.

Portanto, é responsabilidade do professor criar e incentivar o gosto pela leitura. Ler e manusear diariamente livros de história em sala de aula exercita a imaginação da criança, pois assim eles se sentem como se estivessem em contato com as próprias personagens e isso diminui a distância entre o texto e o aluno.

O papel do professor é de assumir o compromisso com o livro, tendo o hábito de contar histórias, despertando a curiosidade pelos misteriosos signos da escrita, desafiando-os, encorajando-os, solicitando-os, provocando-os para que as crianças criem suas hipóteses, abrindo as portas para o universo da leitura, em que ela irá livremente penetrar este mundo, guiada por suas preferências.

Redescobrir antigos valores é importante para humanizar o mundo de nossos dias.

Contudo, se a criança não lê é porque não lhe estão apontando caminhos para o desfrute de bons e belos textos. Que existem (tantos) e são fáceis de achar.

Literatura é arte, literatura é prazer.

Além do mais, acredita-se que o público infantil nunca vai deixar de se interessar por esses personagens e enredos, desde que os adultos se empenhem em melhorar sua capacidade como bons contadores de histórias

REFERENCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil, gostosuras e bobices. São Paulo, Scipione, 1989.

BETTELHEIM, Bruno – A Psicanálise dos Contos de Fadas. Edit. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980.

CARUSO, Carla. A importância da literatura na formação da criança. Disponível em: <http://www.riobranco.org.br/brasil/soe/caruso.htm>.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 39. ed. São Paulo, Cortez, 2000.

FONTANA, Roseli, N.Cruz. Psicologia e Trabalho Pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.

RAMOS, Magda Maria. A literatura como fruição na escola. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~neitzel/literinfantil/magda.htm>